

‘Constituídas ou pela identidade de raça ou por outras condições já conhecidas, ou ainda incógnitas, as grandes nações da Europa hão-de sempre continuar a subsistir, embora um caminho de ferro as ligue de légua a légua pelas respectivas fronteiras. Para elas nunca existe a fusão, a dissolução no oceano de uma república universal.

A situação das pequenas nações é exactamente contrária. (...)

Os estados de terceira ordem na Europa o que são? Fragmentos separados por circunstâncias históricas do corpo das grandes nações: Portugal, a Bélgica, a Holanda, o Piemonte, não são outra coisa. Não as extrema a antipatia de raças; não as defende uma individualidade enérgica e poderosa.

(...)

Sabem [os ministros] que ao estenderem-se os vergalhões de ferro sobre o solo da estrada é necessário ter concebido um sistema para obviar aos efeitos políticos de uma fusão económica e de uma identidade de civilização com a Espanha ?’

(Alexandre Herculano, *Os caminhos de ferro e a política*, in *O Português* de 18.4.1853)



‘A nossa nacionalidade existe pois à sombra doutro princípio. Esse princípio é o do direito público europeu. Aos antagonismos que dividem as grandes nações é que é devida a conservação das nações pequenas. A França não tenta invadir a Bélgica. A Austria não se atreve a absorver o Piemonte. A Espanha ver-se-ia a braços com uma parte da Europa desde o momento em que ousasse transpor as nossas fronteiras.

Se estas condições subsistiram até aqui, é muito mais provável ainda que o futuro as mantenha. As ideias de conquista desaparecem de dia para dia. O século dezoito riu-se do Abade de S. Pierre pelo seu projecto de paz universal. Hoje há um congresso da paz, onde homens eminentes como Victor Hugo, Cobden, Emile de Girardin emitem as suas opiniões, com o assentimento e o aplauso de todas as nações cultas.

E porque acontece isto? É que a ideia económica vai-se tornando a ideia geral de todos os governos e de todos os países. Não se conquistam vassallos, grangeiam-se consumidores. Hoje, o homem de Estado não é como no tempo de Richelieu o que se empenha em abater o poder da casa de Austria, mas o que administra, o que aplica às operações de governo os princípios da ciência económica.’

P. Lopes de Mendonça, *O caminhos de ferro e a nacionalidade*, in *A Revolução de Setembro* de 25.4.1853)